


**Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)**



**Filosofia
Política,
Educação,
Direito e
Sociedade 5**

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Filosofia, Política, Educação, Direito e
Sociedade 5

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

F488 Filosofia, política, educação, direito e sociedade 5 [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Filosofia, Política, Educação, Direito e Sociedade; v. 5)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-098-8

DOI 10.22533/at.ed.988190402

1. Ciências sociais. 2. Direito. 3. Educação. 4. Filosofia. 5. Política.
6. Sociedade. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 300.5

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Caros leitores,

Bem-vindos ao livro *Filosofia Política, Educação, Direito e Sociedade*.

Meu desejo é construir junto com vocês alguns modos de existência experiências filosóficas diversificadas e intensas!

O livro permitirá entrar no mundo fascinante em que o pensamento se pensa a si mesmo. Se vocês já têm contato com a reflexão filosófica, encontrarão aqui caminhos para ir mais longe.

Tudo neste livro foi elaborado com cuidado para oferecer possibilidades de compreender filosoficamente a nós mesmos, aos outros e ao mundo.

Os volumes abrem as portas da Filosofia aos que não a conhecem e convida os que já a conhecem a atravessá-las com olhar renovado com uma coleção de temas bastante significativos em nossa vida cotidiana e que aqui são tratados filosoficamente. Contribui para o estudo sistemático da história do pensamento filosófico seja individualmente, seja com seus companheiros de escola, vocês poderão ler este livro de maneira linear, quer dizer, indo do começo ao fim.

O livro contém ainda uma grande quantidade de textos além de recursos culturais (documentos científicos, filmes, obras literárias, pinturas, músicas etc.) dos quais nascem as reflexões aqui apresentadas ou que podem ser tomados como ocasião para continuar a filosofar.

O que proponho é que filosofemos juntos, quer dizer, que pratiquemos juntos atos filosóficos em torno de assuntos diversos, procurando desenvolver o hábito da Filosofia ou do filosofar. Vocês perceberão que a atividade filosófica vai muito além da formação escolar, porque envolve muitos senão todos aspectos da nossa vida. No entanto, a escola continua sendo um lugar privilegiado para praticar a Filosofia, pois nela temos a possibilidade de nos beneficiar da companhia de nossos professores, amigos, colegas e todos os membros que compõem o ambiente formativo.

Espero que vocês aproveitem ao máximo a minha proposta e tenham o desejo de ir além deste livro, encontrando os próprios filósofos e filósofas, obtendo muito prazer com a atividade de pensar sobre o próprio pensamento.

Toda filosofia é um combate. Sua arma? A razão. Seus inimigos? A tolice, o fanatismo, o obscurantismo. Seus aliados? As ciências. Seu objeto? O todo, com o homem dentro. Ou o homem, mas no todo. Sua finalidade? A sabedoria. Este livro é uma porta de entrada para a filosofia, permitindo ao leitor descobrir as obras para constituir futuramente sua própria antologia.

Com o objetivo de ampliar as discussões sobre as políticas públicas de educação no Brasil contemporâneo, com fundamentação histórica e filosófica, o projeto procurou possibilitar a reflexão sobre as formas de contribuição dos movimentos sociais para a sua ampliação, as lutas pelo reconhecimento da diversidade dos seus sujeitos, assim como levantar questões que condicionam as políticas de inclusão aos determinantes

econômicos.

Ciente da complexidade das discussões propostas nesta publicação, visamos agregar e divulgar para a comunidade acadêmica, profissionais da educação, representantes dos movimentos sociais e instituições interessadas no tema, algumas reflexões sobre as políticas públicas de educação implementadas no Brasil após a Constituição Federal de 1988 – Constituição Cidadã. Agradecemos a todos que contribuíram para esta publicação, principalmente aos autores que disponibilizaram artigos. Esperamos que este livro venha a ser um importante instrumento para os avanços na concretização das políticas de educação no Brasil contemporâneo.

Boa leitura!

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
PADRE RAPHAEL MARIA GALANTI: ABORDAGEM CÍVICA E JESUÍTICA DA HISTÓRIA DO BRASIL PARA CRIANÇAS	
Ligia Bahia de Mendonça	
DOI 10.22533/at.ed.9881904021	
CAPÍTULO 2	14
GENEALOGIA DO <i>ETHOSEM</i> SARTRE: IMPLICAÇÕES DO ATUALISMO ONTO-FENOMENOLÓGICO NA LITERATURA E DRAMATURGIA	
Ricardo Fabricio Feltrin	
DOI 10.22533/at.ed.9881904022	
CAPÍTULO 3	28
PARA QUE FILOSOFIA? A FINALIDADE DA FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO	
Ítalo Leandro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9881904023	
CAPÍTULO 4	38
AMBIENTE FAMILIAR LETRADO: SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO	
Leliane Aparecida Ribeiro	
Sandra Fiorelli de Almeida Penteado Simeão	
DOI 10.22533/at.ed.9881904024	
CAPÍTULO 5	43
ANÁLISE DAS PRÁTICAS DOCENTES E DISCENTES EM UMA DISCIPLINA DO ENSINO SUPERIOR EM SAÚDE NO CONTEXTO DA USABILIDADE DAS FERRAMENTAS COLABORATIVAS DO AMBIENTE VIRTUAL DE APRENDIZAGEM MOODLE	
Sílvia Emanoella Silva Martins de Souza	
André Ribeiro da Silva	
Cássio Murilo Alves Costa	
Maria Auristela Menezes Costa	
Jitone Leônidas Soares	
Jônatas de França Barros	
Carissa Menezes Costa	
Críssia Maria Menezes Costa	
Fernando Antibas Atik	
DOI 10.22533/at.ed.9881904025	
CAPÍTULO 6	49
ANTROPOLOGIA LITERÁRIA: UMA ANÁLISE DO OLHO E DO OLHAR EM “O CORAÇÃO DELATOR” DE EDGAR ALLAN POE	
Anelliz Galvão do Amaral Giovaneti	
DOI 10.22533/at.ed.9881904026	

CAPÍTULO 7	55
ANÁLISE SOB OS CRITÉRIOS DO MEC DE UM CURSO ABERTO MASSIVO	
Edilmar Marcelino Ana Beatriz Buoso Marcelino	
DOI 10.22533/at.ed.9881904027	
CAPÍTULO 8	66
APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NO FACEBOOK: COLABORAÇÃO, LETRAMENTO DIGITAL E AUTONOMIA	
Inês Cortes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.9881904028	
CAPÍTULO 9	76
ANÁLISE DE DISCURSO DE UMA PROPAGANDA DO GOVERNO TEMER SOBRE O “NOVO ENSINO MÉDIO”	
José Ronaldo Ribeiro da Silva Juliane Vargas	
DOI 10.22533/at.ed.9881904029	
CAPÍTULO 10	88
PARA UMA CRÍTICA DA MEDICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO	
Jucélia Maciel do Amaral	
DOI 10.22533/at.ed.98819040210	
CAPÍTULO 11	91
A TRAJETÓRIA DE ORGANIZAÇÃO DA CATEGORIA DOS TRABALHADORES PORTUÁRIOS AVULSOS (TPAS) DO PORTO DE PARANAGUÁ- PR E AS ATUAIS DEMANDAS DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL MARÍTIMA	
Luceli Gomes da Silva Mário Lopes Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.98819040211	
CAPÍTULO 12	104
AS LINGUAGENS UVIVERSAIS	
Manoel Lima Cruz Teixeira	
DOI 10.22533/at.ed.98819040212	
CAPÍTULO 13	117
BRINQUEDOTECA HOSPITALAR: O BRINCAR COMO ESTRATÉGIA INTERDISCIPLINAR	
Flávia de Castro Caixeta Kamylla Guedes Sena Tiago Gonçalves Côrrea Fernanda Duarte Pinheiro Vanessa Arruda Pires Karina Pereira da Silva Juliana Martins de Souza Janaína Cassiano Silva	
DOI 10.22533/at.ed.98819040213	

CAPÍTULO 14 124

AS ATRIBUIÇÕES DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NO CONTEXTO DAS ESCOLAS PÚBLICAS
MUNICIPAIS DO ARACATI/CE: DO IDEAL AO POSSÍVEL

Catarina Angélica Antunes da Silva
Gilson de Sousa Oliveira
Enéas de Araújo Arrais Neto
Tânia Serra Azul Machado Bezerra

DOI 10.22533/at.ed.98819040214

CAPÍTULO 15 137

DIVERSIDADE SOCIAL: PAUTA DE DISSERTAÇÕES E TESES DEFENDIDAS EM PROGRAMAS DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Gualber Pereira Silva de Oliveira
Arlene Maria Soares de Medeiros

DOI 10.22533/at.ed.98819040215

CAPÍTULO 16 150

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: LIMITES E CONTRADIÇÕES DA PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE NA
MODALIDADE

Paula Eliane Costa Rocha
Patrícia Moraes Veado
Andrea Cristina Versuti

DOI 10.22533/at.ed.98819040216

CAPÍTULO 17 162

EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM ESPAÇOS NÃO FORMAIS: O VÍDEO COMO ESTRATÉGIA NO ENSINO
FUNDAMENTAL

Argicely Leda de Azevedo
Gerilúcia Nascimento de Oliveira
Jorgete Comel Palmieri Mululo
Polyana Milena Barros Navegante
Carolina Brandão Gonçalves

DOI 10.22533/at.ed.98819040217

CAPÍTULO 18 170

EDUCAÇÃO NÃO FORMAL DE CRIANÇAS: O SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL “A TRIBUNA”
DE SANTOS

Marina Tucunduva Bittencourt Porto Vieira
Bruno Bortoloto do Carmo

DOI 10.22533/at.ed.98819040218

CAPÍTULO 19 184

O PAPEL DA EDUCAÇÃO FRENTE À CIDADANIA TENDO AS MÍDIAS COMO FONTE DE
MANIPULAÇÃO E CONSUMISMO

Danielle Stewart Oliveira de Araujo
Ícaro Ribeiro Soares
Maria Clara Pinto Cruz

DOI 10.22533/at.ed.98819040219

CAPÍTULO 20	195
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA EM AULAS DE HISTÓRIA	
Daniel Luciano Gevehr Darlã de Alves Shirlei Alexandra Fetter	
DOI 10.22533/at.ed.98819040220	
CAPÍTULO 21	212
A MÁQUINA DISCIPLINADORA: CONTRIBUIÇÕES DE FOUCAULT PARA EDUCAÇÃO ESCOLAR	
Ravelli Henrique de Souza Marta Regina Furlan de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.98819040221	
CAPÍTULO 22	222
FORMAÇÃO HUMANA E AFETIVIDADE: ELEMENTOS CRUCIAIS NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR E NA PRÁTICA PEDAGÓGICA	
Farbênia Kátia Santos de Moura Daniela Fernandes Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.98819040222	
CAPÍTULO 23	233
O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA PELA CRIANÇA: DIALOGANDO COM ALEXANDER ROMANOVICH LURIA	
Lorita Helena Campanholo Bordignon Marilane Maria Wolff Paim	
DOI 10.22533/at.ed.98819040223	
CAPÍTULO 24	244
OS DESAFIOS DO EDUCANDO DO PROGRAMA TOPA NO CONJUNTO PENAL DE PAULO AFONSO	
Joilson Alcindo Dias Maria Aparecida da Silva Braz Vinícius Silva Santos	
DOI 10.22533/at.ed.98819040224	
CAPÍTULO 25	254
TORNAMO-NOS ATRAVÉS DAS COISAS	
Luiz Antonio Pacheco Queiroz Willian Carboni Viana	
DOI 10.22533/at.ed.98819040225	
CAPÍTULO 26	261
A INCLUSÃO DO ENSINO DA HISTÓRIA REGIONAL NOS 5º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL, NA DISCIPLINA HISTÓRIA, EM MATO GROSSO DO SUL	
Elizabeth de Fátima da Silva Mattas	
DOI 10.22533/at.ed.98819040226	
CAPÍTULO 27	274
REFORMA EDUCACIONAL FRANCISCO CAMPOS: INOVAÇÃO, CENTRALIZAÇÃO E AUTORITARISMO	
Edelcio José Stroparo	
DOI 10.22533/at.ed.98819040227	

CAPÍTULO 28 284

RELAÇÃO ENTRE ESTILOS DE APRENDIZAGEM E DESEMPENHO NA AVALIAÇÃO EXTERNA DE ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Sonia Maria Duarte Grego
Flaviana Cristine Assumpção
Eliana Curvelo
Marisa Veiga Capela

DOI 10.22533/at.ed.98819040228

CAPÍTULO 29 295

RELAÇÃO INTERSEMIÓTICA DE TEXTOS MULTIMODAIS: UM ESTUDO IDEACIONAL CONFORME AS GRAMÁTICAS *SISTÊMICO-FUNCIONAL* E DO *DESIGN VISUAL*

Jeniffer Streb da Silva
Noara Bolzan Martins

DOI 10.22533/at.ed.98819040229

CAPÍTULO 30 301

A ESCRITA ESTUDANTIL EM PERIÓDICOS ESCOLARES NA ERA VARGAS

Eliezer Raimundo de Sousa Costa

DOI 10.22533/at.ed.98819040230

CAPÍTULO 31 316

O SOLDADO E A BAILARINA: PRÁTICAS PSICODRAMÁTICAS NO COLÉGIO MILITAR DE SALVADOR

Manon Toscano Lopes Silva Pinto

DOI 10.22533/at.ed.98819040231

CAPÍTULO 32 325

OS ESTÁGIOS SOCIOCULTURAIS DA UFRR E SUAS RELAÇÕES COM A PRECARIZAÇÃO DO TRABALHO

Samara Siqueira de Souza
Edison Riuitiro Oyama

DOI 10.22533/at.ed.98819040232

CAPÍTULO 33 336

TENDÊNCIAS DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA SOBRE DIDÁTICA: UM ESTUDO A PARTIR DE TRÊS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DA REGIÃO CENTRO-OESTE (2004-2010)

Adriana Rodrigues
Andréa Maturano Longarezi

DOI 10.22533/at.ed.98819040233

CAPÍTULO 34 348

A PROBLEMÁTICA DO LIXO: UMA EXPERIÊNCIA DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EJA DA ESCOLA RUI BARBOSA EM PINHAL GRANDE /RS

Ivani Belenice Dallanôra
Cibele Pase Liberalesso
Marilene Scapin
Thaís Vendruscolo
Zenita Maria Uliana Posser

DOI 10.22533/at.ed.98819040234

CAPÍTULO 35 357

O VALOR DA MARCA E A PERCEPÇÃO DO INTANGÍVEL: CAMPANHAS NATURA

Daiane do Rosário Martins da Silva
Mirian Sousa Moreira
Ana Clara Ramos
Carla Mendonça de Souza
Allana Dalila Costa Rodrigues Lacerda
Liliane Guimarães Rabelo
Rafael Silva Couto

DOI 10.22533/at.ed.98819040235

SOBRE A ORGANIZADORA..... 368

A MÁQUINA DISCIPLINADORA: CONTRIBUIÇÕES DE FOUCAULT PARA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Ravelli Henrique de Souza

Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Pós-Graduação em Educação.

Londrina - Paraná

Marta Regina Furlan de Oliveira

Universidade Estadual de Londrina, Departamento de Pós-Graduação em Educação.

Londrina - Paraná

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo principal investigar os conceitos de Poder, Disciplina e Vigilância propostos por Michael Foucault nos espaços formativos escolares no contexto da sociedade contemporânea. Ainda, analisar as implicações do trabalho pedagógico na escola referente a disciplina dos corpos estudantis, que tornam os alunos seres suscetíveis a repressão e sujeitos aptos as coibições ordenadas por uma sociedade regularizadora. Segundo Michael Foucault as relações de poder não estão exclusivamente centradas no Estado, pois funcionam de forma circular e alcançam todo o corpo social, em que não existe um poder exterior, de modo que, forma-se uma teia de relações concretizando que todo tipo de interação seriam vínculos que se articulam de poder. Por consequência a disciplina e a vigilância atuam como mecanismos de controle que através de técnicas minuciosas tem por objetivo moldar o comportamento dos

seres humanos para se tornarem suscetíveis a obediência e subservientes a norma. Desta maneira, tais mecanismos acarretam na produção de corpos dóceis, ou seja, sujeitos submissos, passivos, obedientes que se encaminham na contramão do objetivo pedagógico das mesmas instituições, que é o de formar indivíduos autônomos, pensantes, críticos e reflexivos. Para análise desses apontamentos foi fundamental a contribuição de Michael Foucault, por meio de um estudo bibliográfico das obras *Microfísica do Poder* (1996) e *Vigiar e Punir* (1999). Dessa forma na primeira parte foi feito uma definição conceitual dos termos: Poder, Disciplina e Vigilância para que a partir deles, na segunda parte, fosse possível realizar uma análise das instituições de ensino caracterizadas como aparelhos para vigiar e punir. Como resultado, concluímos que há a necessidade de que, os profissionais educacionais compreenderem os mecanismos disciplinares frequentemente utilizados nas instituições de ensino, a fim de que haja possibilidades emancipatórias de se pensar a escola enquanto formadora e interceptora de espaço e tempo de liberdade e autonomia.

PALAVRAS-CHAVES: Educação; Poder; Disciplina; Vigilância; Michael Foucault.

ABSTRACT: This article has as main objective to investigate the concepts of Power, Discipline

and Surveillance proposed by Michael Foucault in the educational spaces in the context of contemporary society. Also, to analyze the implications of the pedagogical work in the school referring to the discipline of the student bodies, that make the students beings susceptible to repression and able subjects to the restraints ordered by a regularizing society. According to Michael Foucault, power relations are not exclusively centered in the State, because they operate in a circular way and reach the whole social body, in which there is no external power, so that a web of relations is formed, concretizing that all kinds of interactions would be links that are articulated with power. Consequently, discipline and vigilance act as control mechanisms that through meticulous techniques aim to shape the behavior of human beings to become susceptible to obedience and subservient to the norm. In this way, such mechanisms lead to the production of docile bodies, that is, submissive, passive, obedient subjects that are moving against the pedagogical objective of the same institutions, which is to form autonomous, thinking, critical and reflexive individuals. For the analysis of these notes, it was fundamental the contribution of Michael Foucault, through a bibliographical study of the works *Microphysics of Power* (1996) and *Vigiar e Punir* (1999). Thus, in the first part, a conceptual definition of the terms Power, Discipline and Surveillance was made so that from the second part it was possible to carry out an analysis of the teaching institutions characterized as apparatuses to watch over and punish. As a result, we conclude that there is a need for educational professionals to understand the disciplinary mechanisms often used in educational institutions, so that there is an emancipatory possibility of thinking about school as a formator and interceptor of space and time of freedom and autonomy.

KEYWORDS: Education; Power; Discipline; Surveillance; Michael Foucault.

INTRODUÇÃO

Conforme as contribuições de Michael Foucault (1996) estamos inseridos em uma sociedade submetida ao poder e, esse poder está contíguo à uma rede de relações peculiares e artimanhas, em que todos os seres que habitam na mesma estão interligados de feição, são inúmeros os possesores, que ditam poder de diferentes maneiras. Desse modo, o objetivo principal é investigar os conceitos de Poder, Disciplina e Vigilância propostos por Michael Foucault nos espaços formativos escolares no contexto da sociedade contemporânea. Ainda, analisar as implicações do trabalho pedagógico na escola referente a disciplina dos corpos estudantis, que tornam alunos seres suscetíveis a repressão e sujeitos aptos as coibições ordenadas por uma sociedade regularizadora.

Segundo Foucault a disciplina e a vigilância atuam como mecanismos de controle que através de técnicas minuciosas tem por objetivo moldar o comportamento dos seres humanos para se tornarem suscetíveis a obediência e subservientes a norma. Desta forma, tais mecanismos acarretam na produção de corpos dóceis, ou seja, sujeitos submissos, passivos que se encaminham na contramão do objetivo pedagógico das

mesmas instituições, que é o de formar indivíduos autônomos, pensantes, críticos e reflexivos.

Para análise desses apontamentos foi fundamental a contribuição de Michael Foucault, por meio de um estudo bibliográfico das obras *Microfísica do Poder* (1996) e *Vigiar e Punir* (1999). Como estrutura didática do texto, optamos por apresentar no primeiro momento uma definição conceitual dos termos: Poder, Disciplina e Vigilância. Na segunda parte, desenvolvemos uma análise das instituições de ensino caracterizadas como aparelhos para vigiar e punir. Há, desse modo, a necessidade de os profissionais educacionais compreenderem os mecanismos disciplinares frequentemente utilizados nas instituições de ensino, a fim de que haja possibilidades emancipatórias de se pensar a escola enquanto espaço e tempo de liberdade e autonomia.

PODER, DISCIPLINA E VIGILÂNCIA EM FOUCAULT

A teoria marxista defende que o poder está concentrado no estado, “o marxismo – e sobretudo ele – determinou o problema em termos de interesse (o poder é detido por uma classe dominante definida por seus interesses)” (FOUCAULT, 1996, p. 45). Foucault questiona; como é possível as pessoas que não tem muito interesse no poder, se envolvam estreitamente a ele? Posteriormente, o autor propôs estabelecer relações pensando em uma microfísica do poder ao invés de teorizar o estado.

Para Foucault (1996) são as micros-relações de poder que asseguram e suportam o funcionamento do estado. Essa rede de relações de poder atua de maneira circular para que não se restrinja ao poder do ‘não’ e que não fique tão evidente suas formas repressoras, táticas e sanções normalizadoras e, assim, possa conquistar o corpo social. Para entender essas sanções, Foucault alega que “o poder em seu exercício vai muito mais longe, passa por canais muito mais sutis, é muito mais ambíguo, porque cada um de nós é, no fundo, titular de um certo poder e, por isso, veicula o poder (Ibid, p. 91). O autor, nesse sentido, analisa as instituições disciplinares (prisão, escolas, fábricas, etc), alegando que:

As monarquias da Época Clássica não só desenvolveram grandes aparelhos de Estado – exército, polícia, administração local, mas instauraram o que se poderia chamar uma nova “economia” do poder, isto é, procedimentos que permitem fazer circular os efeitos de poder de forma ao mesmo tempo contínua, ininterrupta, adaptada e “individualizada” em todo o corpo social. Estas novas técnicas são ao mesmo tempo muito mais eficazes e muito menos dispendiosa. (FOUCAULT, 1996, p. 8).

Uma das principais estratégias de dominação são discursos provenientes da norma para atenuar suas implicações e camuflar sua visibilidade social de modo que o poder se espalhe passivamente.

O século XVIII encontrou um regime por assim dizer sináptico de poder, de seu exercício *no* corpo social, e não *sobre* o corpo social. A mudança de poder oficial

esteve ligada a este processo, mas através de decalagens. Trata-se de uma mudança de estrutura fundamental que permitiu a realização, com uma certa coerência, desta modificação dos pequenos exercícios do poder (FOUCAULT, 1996, p. 74).

Desta forma, é compreensível que o poder não é algo centralizado, mas funciona de maneira circular, em que os indivíduos estão aptos a dominar e oprimir. Oriundas dessas relações, a partir dos séculos XVII e XVIII a sociedade enxergou uma forma bastante eficaz de poder, por forma de punições que geralmente são estabelecidas nas instituições disciplinares, tal forma serve para conter corpos daqueles que estão pertinentes a obediência. Alicerçados de técnicas minudentes, corpos foram adaptados à docilidade para moldar comportamentos, tornando assim sujeitos subservientes aos preceitos estipulados pelas instituições sociais, seguindo como embasamento na descrição do artigo, uma análise as instituições de ensino a partir da educação infantil.

As disciplinas a partir dos séculos XVII e XVIII se tornaram formas gerais de dominação que visa não unicamente o aumento de suas habilidades, nem tampouco aprofundar sua sujeição, mas a formação de uma relação que no mesmo mecanismo o torna tanto mais obediente quanto é mais útil, e inversamente (Ibid, p. 164). Essas técnicas disciplinares surgem como um mecanismo de poder sobre os corpos com objetivo de enquadrinhar, desarticular e recompor, fabricando corpos disciplinados, submissos, dóceis e exercitados.

Para Foucault (1999, p. 165), se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada. Designando assim o papel do corpo no cumprimento de necessidades econômicas

Encontramo-los em funcionamento nos colégios, muito cedo; mais tarde nas escolas primárias; investiram lentamente o espaço hospitalar; e em algumas dezenas de anos reestruturaram a organização militar. Circularam às vezes muito rápido de um ponto a outro (entre o exército e as escolas técnicas ou os colégios e liceus), às vezes lentamente e de maneira mais discreta (militarização insidiosa das grandes oficinas) (FOUCAULT, 1999, p. 165).

Um dos principais efeitos resultantes de certa militarização é a produção de corpos dóceis e uteis, no qual o indivíduo se torna mais útil no momento em que ele atinge extrema obediência. Outro efeito, é que as aptidões físicas do corpo humano são aprimoradas. O poder do corpo faz dele por um lado uma “aptidão”, uma “capacidade” que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita (Ibid, p.165). Então o corpo estabelece um elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e uma dominação acentuada.

Em suma, algumas vezes a disciplina exige a especificação de um local heterogêneo a todos os outros e fechado em si mesmo, protegido pela monotonia disciplinar (Ibid., p. 168), “aprisionando” indivíduos nesses locais, tais como, colégios e quartéis. Um das técnicas de dominação utilizadas nesses locais são apresentadas

por Michael Foucault como clausura e “quadriculamento”. Foucault apresenta a clausura como inconstante, não indispensável, nem suficiente nos aparelhos disciplinares. Os indivíduos eram colocados em ambientes fechados (escolas, quartéis, conventos, etc.) para que se fosse possível ter controle sobre seus corpos e sobre a organização do tempo e espaço desses indivíduos, então, quanto mais poder era operado nesses indivíduos, mais se conservava a dominação de corpos dóceis e disciplinados.

Prévio a clausura, está o “quadriculamento” no qual era obtido o posicionamento de corpos no espaço, colocando os indivíduos em seus devidos lugares, evitando as distribuições coletivas para que as pessoas não se confundissem na pluralidade.

O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há a repartir. É preciso anular os efeitos das repartições indecisas, o desaparecimento descontrolado dos indivíduos, sua circulação difusa, sua coagulação inutilizável e perigosa; tática de antideserção, de antivadiagem, de antiaglomeração. Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras, poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar. A disciplina organiza um espaço analítico. (FOUCAULT, 1999, p. 169).

Essa estratégia de individualização foi feita para combater a possível arrenegação e perigo que a massa em grupos apresentava, assim, os indivíduos eram postos em localizações individuais. Ainda pela necessidade de tornar o lugar mais útil e organizado para ser usado pelas massas, fez-se necessário o princípio das localizações funcionais.

A arte de alinhar em fila, que individualiza e distribui corpos através de instituições fechadas contém o mesmo objetivo entre as mesmas, que é deixar indivíduos mais úteis e dóceis, denominamos esse objetificação como disciplina. Como nesse artigo temos a necessidade de analisar a instituição escolar, daremos privilegio a mesma. Foucault (1999, p. 173) expõe que depois de 1762 o espaço escolar se desdobra; a classe torna-se homogênea, ela agora só se compõe de elementos individuais que vêm se colocar uns ao lado dos outros sob os olhares do mestre.

A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar: filas de alunos na sala, nos corredores, nos pátios; colocação atribuída a cada um em relação a cada tarefa e cada prova; colocação que ele obtém de semana em semana, de mês em mês, de ano em ano; alinhamento das classes de idade umas depois das outras; sucessão dos assuntos ensinados, das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldade crescente. E nesse conjunto de alinhamentos obrigatórios, cada aluno segundo sua idade, seus desempenhos, seu comportamento, ocupa ora uma fila, ora outra; ele se desloca o tempo todo numa série de casas; umas ideais, que marcam uma hierarquia do saber ou das capacidades, outras devendo traduzir materialmente no espaço da classe ou do colégio essa repartição de valores ou dos méritos. Movimento perpétuo onde os indivíduos substituem uns aos outros, num espaço escondido por intervalos alinhados (FOUCAULT, 1999, p.173).

A organização desse espaço por séries, facilitou o trabalho de classificação do professor que, ao ver cada aluno disposto em suas respectivas filas e carteiras ocupavam o mesmo lugar todos os dias durante o ano letivo era possível identificar

os alunos que faziam os deveres, os que faltavam bastante nas aulas, os que se atrasavam ao chegar a aula, os que prestavam atenção nas aulas e tiravam notas boas. Nesse processo, a todo o momento esses determinados lugares individuais possibilitaram o possível controle de cada um e o trabalho simultâneo de todos (Ibid., p. 173). O espaço escolar tornou-se uma máquina em que, se ensina, vigia, hierarquiza e recompensa o indivíduo.

Uma pedagogia analítica é formada pela disciplina, que é muito minuciosa a integração de uma dimensão temporal, unitária, cumulativa no exercício dos controles e na prática das dominações (Ibid., p.186). Ligando assim ao modo de funcionamento de poder.

O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior “adestrar”; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor. Ele não amarra as forças para reduzi-las; procura ligá-las para multiplicá-las e utilizá-las num todo. Em vez de dobrar uniformemente e por massa tudo o que lhe está submetido, separa, analisa, diferencia, leva seus processos de decomposição até às singularidades necessárias e suficientes. “Adestra” as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para uma multiplicidade de elementos individuais. (FOUCAULT, 1999, p. 195).

Os indivíduos tornam-se cegamente obedientes quando alienados pela disciplina, que subordina os corpos a agir praticamente por extinto. As ordens são dadas e os sujeitos devem obedecer adestradamente sem questionar o que foi definido/ especificado. Possibilitando assim uma sanção normalizadora para a obtenção de um controle individual maior e sem contestações.

As disciplinas estabelecem uma “infra-penalidade” como uma espécie de privilégio de justiça com suas formas específicas de sanção. A escola se torna repressora causando uma “micro-penalidade” do tempo, da atividade, da maneira de ser, dos discursos, do corpo e da sexualidade. Neste prisma, os alunos passam a serem moldados para os que devem ou não fazer, no sentido de cumprir com suas obrigações e, rever suas atitudes. Nesse processo de moldagem humana, os alunos que não respeitam as regras, muitas vezes, são envolvidos por situações punitivas que se expressam em atos de castigo leve, privações ligeiras até a pequenas humilhações (Ibid., p. 203). Foucault afirma que essa forma punitiva e disciplinar na escola contribui na formação de seres oprimidos, dóceis e passíveis à obediência.

Entretanto, não queremos que haja a compreensão de que somos contrárias as normativas, mas estas precisam ser internalizadas pelo processo de conhecimento e educação com liberdade e autonomia. Acreditamos que a escola enquanto espaço e tempo de formação humana, precisa se atentar para esse fato, no sentido de que suas ações sejam emancipatórias e não necessariamente adestradoras de pessoas.

Sobre isso, podemos ver em Foucault uma contribuição importante para os dias atuais, quando muitas escolas se submetem a criar manipulações e chantagens que se dizem pedagógicas. Assim, se os alunos se enquadrarem nas normas e cumprirem suas tarefas, eles são recompensados, provocando uma espécie de hierarquia na

qual o sujeito se determina a sempre ser melhor, para os diferenciar daqueles que não conseguem atingir o objetivo ou não obedecer a norma. Esse tipo de manipulação é disciplinar e punitivo, uma vez que a mudança é superficial e externa ao ser humano, ou seja, só faz para não ser punido.

Outro mecanismo integrado a disciplina, que para Foucault é mais eficaz e abrangente para moldar o comportamento é a vigilância, considerada como uma arte obscura na qual os homens estão sujeitos ao processo de vigiar, tendo consciência do que acontece sem saber quando acontece. Com esse procedimento obtém-se controle interior, articulado e detalhado sobre corpos propícios a docilidade para a obediência às normas e, para “agir sobre aquele que abriga, dar domínio sobre seu comportamento, reconduzir até eles os efeitos do poder, oferecê-los a um conhecimento, modificá-los”. (FOUCAULT, 1999, p. 197). Há uma estrutura para reconhecer os sujeitos e torná-los obedientes, sendo que a vigilância é uma das principais técnicas disciplinares. Pois é graças a vigilância que o poder disciplinar se torna um sistema “integrado”, ligado do interior à economia e aos fins do dispositivo onde é exercido (FOUCAULT, 1999, p. 201).

Jeremy Bentham criou a máquina “Panopticon” que foi inicialmente pensada para as penitenciárias, utilizada para vigiar as celas dos indivíduos na prisão sem que eles percebessem quando isso iria acontecer, mas que tivessem cientes que poderia acontecer a qualquer momento, assim, temendo por uma punição os indivíduos evitavam desobedecer à norma. Bentham se maravilhava de que as instituições panópticas pudessem ser tão leves: fim das grades, fim das correntes, fim das fechaduras pesadas: bastasse que as separações fossem nítidas e as aberturas bem distribuídas (Ibid, p. 226). Assim, bastasse então colocar um vigia na torre central, e em cada cela trancar um louco, um doente, um condenado, um operário ou um escolar (Ibid, p. 223). Então essa máquina tendo as modificações necessárias poderia ser adaptada para qualquer instituição, inclusive as de ensino.

Daí o efeito mais importante do Panóptico: induzir no detento um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder. Fazer com que a vigilância seja permanente em seus efeitos, mesmo se é descontínua em sua ação; que a perfeição do poder tenda a tornar inútil a atualidade de seu exercício; que esse aparelho arquitetural seja uma máquina de criar e sustentar uma relação de poder independente daquele que o exerce; enfim, que os detentos se encontrem presos numa situação de poder de que eles mesmos são os portadores. Para isso, é ao mesmo tempo excessivo e muito pouco que o prisioneiro seja observado sem cessar por um vigia: muito pouco, pois o essencial é que ele se saiba vigiado; excessivo, porque ele não tem necessidade de sê-lo efetivamente (FOUCAULT, 1999, p. 224-225).

O Panóptico priva o sujeito de fazer o “mal”, ou seja, desobedecer às ordens ditadas, fazendo que os indivíduos anulem qualquer pretensão de fazer algo, diga-se de passagem, desobediente, mostrando que, se as ordens forem desobedecidas, haverá severas punições, pois, o sujeito está sendo “imortal” quando observado. Nesse sentido, Foucault traz a ideia da escola-edifício, que fora uma máquina pedagógica

de adestramento concebida por Pâris-Duverney na escola militar para “Adestrar corpos vigorosos, imperativo de saúde; obter oficiais competentes, imperativo de qualificação; formar militares obedientes, imperativo político; prevenir a devassidão e a homossexualidade, imperativo de moralidade (Ibid., p. 197). Esse método estabelecia certo isolamento sobre os indivíduos hábeis a observação constante.

A ESCOLA COMO APARELHO DE VIGIAR E CONTROLAR CORPOS

Na escola, do mesmo modo que em outras instituições, os indivíduos (alunos) que em uma sociedade normatizadora são passíveis a disciplina, são subdivididos em lugares específicos, tais como carteiras em filas e/ou colunas, sobrepondo-se um modelo militar para que o indivíduo possa ficar à vista do “chefe” (professor) sendo vigiado incessantemente. Esse mecanismo serve para combater a heterogeneidade na qual os indivíduos sejam reconhecidos e suscetíveis a punição, pois “o exercício do poder cria perpetuamente saber e, inversamente, o saber acarreta efeitos de poder (FOUCAULT, 1996, p. 80). É deste princípio de distribuição individual que Foucault (1999) concebe a disciplina como uma arte minudente, na qual cada gesto é controlado por técnicas disciplinares decorrentes da organização de tempo e espaço. Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos (Ibid., p.164). Em concordância, para Foucault (1999, p.195) a disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício.

Ainda nas instituições escolares, os alunos são divididos pela idade cronológica, em que através de seus desempenhos são atribuídas salas, composta por carteiras situadas em fileiras e colunas, em que cada indivíduo deve se sentar ao longo do ano para que se possa ser observado. A partir do horário de funcionamento da instituição os alunos devem seguir horários adequados para realização das atividades programadas pela escola para se constituir um tempo integralmente útil. O sucesso do poder disciplinar se deve sem dúvida ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame (FOUCAULT, 1999, p. 195). Essa organização espacial de poder é feita com encarceramento e enquadramento de técnicas utilizadas pelas instituições.

O próprio edifício escola, pela sua construção e arqueologia se torna um aparelho de vigiar. A divisão é feita em blocos, ao longo de um corredor com uma pequena ou vasta série de salas, em que se encontra carteiras localizadas em filas e colunas, local específico para refeições, tudo meticulosamente organizado para que se possa obter controle sobre corpos dos alunos para que não desviem da norma. Nessa hierarquia tem-se professores que possuem “poder” sobre os alunos, mas que formam micro poderes para analisar o comportamento de seus inferiores e enviar para seus superiores sustentando os aparelhos disciplinares.

Mesmo movimento na reorganização do ensino elementar; especificação da vigilância e integração à relação pedagógica. O desenvolvimento das escolas paroquiais, o aumento de seu número de alunos, a inexistência de métodos que permitissem regulamentar simultaneamente a atividade de toda uma turma, a desordem e a confusão que daí provinham tornavam necessária a organização dos controles (FOUCAULT, 1999, p. 200).

Para aumentar ainda mais o controle sobre os corpos disciplinados, os professores escolhem alguns de seus melhores alunos para serem seus “oficiais” intendentos, observadores, monitores, repetidores, recitadores de orações, oficiais de escrita, recebedores de tinta, capelães e visitantes” (Ibid, p. 200). Seus papéis eram atribuídos como observadores e fiscalizadores de turma para evitar que outros alunos conversassem, colassem ou causassem desordem na sala de aula, constituindo-se uma hierarquia ainda maior para obtenção de poder e disciplina sobre os corpos.

(...) As funções de fiscalização agora são quase todas duplicadas por um papel pedagógico: um submestre ensina a segurar a pena, guia a mão, corrige os erros e ao mesmo tempo “marca as faltas quando se discute”; outro submestre tem as mesmas tarefas na classe de leitura; o intendente que controla os outros oficiais e zela pelo comportamento geral é também encarregado de “adequar os recém-chegados aos exercícios da escola”; os decuriões fazem recitar as lições e “marcam” os que não as sabem (FOUCAULT, 1999, p. 201).

O exemplo citado a cima é um resumo de uma escola que são aplicados no recôndito de um dispositivo ímpar, três procedimentos: “o ensino propriamente dito, a aquisição dos conhecimentos pelo próprio exercício da atividade pedagógica, enfim uma observação recíproca e hierarquizada” (Ibid, p.201). A essência do ensino fora velada com um mecanismo de poder pertinente que prolifera a sua essência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modelo panóptico tem ganhando espaço cada vez mais nessa sociedade regularizadora, suplantando as celas das prisões, as escolas e atingindo todas instituições impostas no contexto social, utilizando suas técnicas de vigilância e punição para constituir uma sociedade disciplinar que é estabelecida por uma microfísica para atingir o todo. Formação essa que está ligada a processos históricos de maneira política, jurídica, científica econômica e educacional.

Para Foucault (1999), o poder disciplinar graças a vigilância hierarquizada torna-se um sistema integralizado, ligado ao interior de uma economia e aos fins do dispositivo onde é exercido (p. 201), organizando-se assim um poder múltiplo, automático e anônimo funcionando como uma grande máquina, na qual sua organização dá o poder a quem “manda” e distribui papéis a indivíduos benévolos a obediência.

A punição disciplinar de uma sanção organizadora tem como objetivo promover por meio do corretivo, o arrependimento do sujeito para que não se repita mais o ato “inapropriado” que o mesmo praticou. Dessa maneira, a arte de punir faz com que o professor relacione os atos, os desempenhos, os comportamentos singulares a um

conjunto para que se sigam uma determinada regra, formando sujeitos conformados com o que lhe é atribuído.

A penalidade perpétua que atravessa todos os pontos e controla todos os instantes das instituições disciplinares, compara, diferencia, hierarquiza, homogeniza, exclui. Em uma palavra, ela *normaliza* (Ibid., p. 208). E que ainda diante de todas essas questões, se enraíza certa violência simbólica que atinge erroneamente a identidade do sujeito, em específico, nas instituições de ensino, os alunos. Violência essa que deve ser priorizada, comparada, problematizada e direcionada as questões de gênero, sendo a causa da atribuição de papéis e produção de corpos dóceis e disciplinados no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michael. **A Microfísica do Poder**. Organização e tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 20ª edição. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 1999.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-098-8

